

# Revista de Cultura e Extensão Universitária: Forma e Abrangência

## Culture and University Extension Review: Form and Comprehensiveness

**Para refletir sobre o significado de uma revista de Cultura e Extensão de uma universidade é necessário pensar sobre o objetivo da própria área de Cultura e Extensão no âmbito acadêmico.**

Nesse sentido, é possível promover uma ampla discussão sobre o conceito de Cultura, que está associado, em um primeiro momento, aos usos e costumes de um povo. Contudo, observamos que, atualmente, o conceito de Cultura tem sido minimizado, restringindo-se às manifestações artísticas de um povo. Cabe observar, ainda, que a criatividade e a arte são partes significativas de qualquer ação humana, seja ela artística ou não. E a universidade, uma instituição formadora por natureza, exerce um papel fundamental na formação cultural de uma sociedade.

Por definição, entende-se por Extensão todas as atividades desenvolvidas no âmbito da universidade que, de alguma maneira, mantenham contato direto com a sociedade. Uma universidade tem uma ampla gama de atividades produtivas, formando profissionais nas mais diversas áreas do conhecimento. Ter um papel ativo no atendimento à população é fundamental para promover uma formação adequada de seu alunado, além de ser fonte para o fomento da pesquisa científica.

A atividade de Extensão aproxima a universidade e a sociedade e, dessa maneira, amplia a divulgação dos resultados de pesquisa, o que tem sido feito, primordialmente, por meio de periódicos direcionados aos pares e na linguagem própria de cada área do conhecimento. Atualmente, são publicações desse gênero que têm orientado os processos avaliatórios e de ascensão na carreira docente na Universidade.

As atividades de Cultura e Extensão sempre tiveram espaço no âmbito da universidade; entretanto, em 1988, o Ministério da Educação e Cultura decidiu compartimentalizar as atividades universitárias em quatro áreas: Graduação, Pós-Graduação, Pesquisa e Cultura e Extensão.

Desde o início, sempre foram claras as ações das áreas de Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa; entretanto, a área de Cultura e Extensão tornou-se mais abrangente e

DIANA HELENA DE  
BENEDETTO POZZI

Universidade de São Paulo.  
Faculdade de Medicina, São  
Paulo, Brasil

abstrata. Para alguns, ela teria sido criada com o objetivo de permitir que fosse exercida uma atividade remunerada na universidade, produzindo eventos para os docentes que dela participassem. Outros concluíram que esta área deveria compreender todas as atividades que não fossem próprias das demais áreas.

Contudo, cabe observar que as áreas de Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa exercem atividades de Extensão e participam da formação da cultura para bem atender os seus fins. Sendo assim, qual seria a função de uma área de Cultura e Extensão na universidade? Eis a pergunta que permanece suscitando debates, mas sem chegar a conclusões.

As múltiplas interpretações sobre essa área favorecem uma desvalorização da Cultura e Extensão no âmbito acadêmico. Se sua finalidade fosse tão somente aumentar proventos institucionais de docentes, poder-se-ia classificá-la como uma atividade administrativa e não como atividade de ensino e pesquisa. Por esta razão, têm sido criadas normas para reger o processo de avaliação nas quais sejam discriminadas as atividades remuneradas e não remuneradas.

A área de Cultura e Extensão tem âmbito muitíssimo mais amplo do que as atividades de pós-graduação *lato sensu* e, principalmente, do que cursos de especialização voltados para profissionais de mercado bem remunerados em busca de uma eventual promoção na carreira. A maioria dos cursos ministrados em uma universidade pública é programada em função do aprimoramento profissional em áreas nas quais os profissionais também precisam se aprimorar, contudo, sem ter ônus financeiro.

Ao mesmo tempo, a área de Cultura e Extensão está vinculada também à Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa, uma vez que proporciona uma melhor formação de graduando e pós-graduandos, além de proporcionar, através de suas “atividades de campo”, uma grande fonte de questionamentos que podem orientar uma pesquisa original e de ótima qualidade. Dessa maneira, a Cultura e Extensão não deve ser entendida como uma área na qual são colocadas as atividades que não se encaixam na classificação tradicional de Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa e que habitualmente são rotuladas como “outros”.

A Cultura e Extensão é a área na qual todas as demais se encontram; um espaço no qual é permitida e desejada uma linguagem comum e acessível a toda a sociedade, ao invés de uma linguagem acadêmica e, principalmente, vinculada a áreas do conhecimento cada vez mais específicas. Notoriamente, nem mesmo os acadêmicos das diferentes áreas entendem essas diferentes linguagens. Assim, cabe à área de Cultura e Extensão fazer essa “tradução” e levar à sociedade o conhecimento produzido pela Universidade, de maneira que, com isso, permita à população em geral usufruir, se aproximar e querer dela participar. Assim, a universidade deixaria de ser encarada como uma instituição de elite e alheia à sociedade.

Por que criar uma revista de Cultura e Extensão? A divulgação da produção acadêmica já se faz por diferentes meios, inclusive por periódicos. A atividade docente tem sido avaliada dessa maneira. Então, qual é a finalidade de mais um periódico?

Quantos periódicos específicos utilizam uma linguagem plural que alcance toda a população – acadêmica e não acadêmica? Muito poucos. Fica claro que há uma necessidade de ampliar esse espaço e atingir a um público mais amplo. A cultura da sociedade pede por informação e é obrigação da universidade fornecê-la numa linguagem acessível e com uma apresentação de qualidade.

Poder-se-á argumentar que estamos na era da informática e que uma revista não estaria acompanhando o seu tempo, uma vez que as informações eletrônicas disponíveis pela rede teriam alcance muito maior, particularmente entre os mais jovens. Eis mais um aspecto altamente discutível. Umberto Eco e Jean Claude Carrière escreveram, em 2009, *Não contem com o fim do livro*. De acordo com os autores, pinturas e fotografias, assim como o teatro, o cinema e a televisão, coexistem e, da mesma maneira, o livro também irá permanecer. Poderíamos lembrar, ainda, as gravações musicais e os concertos. As gravações podem ser obtidas com facilidade e ouvidas em qualquer local, mas os concertos permanecem, e com grande procura pelos aficionados. Todas essas atividades são buscadas também pelos jovens. Isso fica bem claro ao se entrar em uma livraria e observar o perfil de sua clientela.

Outro argumento é que os docentes precisam ter sua produção avaliada e que uma revista de Cultura e Extensão não atende a esse propósito, uma vez que as revistas que têm sido incluídas para avaliação são aquelas ligadas às áreas específicas, que estão indexadas e atendem aos padrões preconizados pela área de pesquisa. Ora, esta é uma conduta que não pode ser considerada correta e definitiva e que pode e deve ser reformulada. Se considerarmos a importância social da Cultura e Extensão, inclusive seu papel junto à Graduação, Pós-Graduação e à Pesquisa, não há como manter esse tipo de conduta depreciativa em relação a uma área que é essencial para a qualidade da produção das demais.

Há quem sugira que uma revista de Cultura e Extensão seria uma maneira de os docentes publicarem trabalhos feitos em suas áreas de especialização que não estão em conformidade com os requisitos das revistas especializadas. Contudo, esta ideia implicaria na confecção de uma revista que atenderia a especialistas, com artigos escritos em suas linguagens características e inteligíveis só para os seus pares. Ficaria até a sugestão de que seria, otimistamente, uma revista de segunda classe. Ora, uma revista que seguisse esse padrão não iria encontrar espaço na população em geral e nem mesmo na comunidade acadêmica. E até mesmo sua validade em processos de avaliação seria discutível.

Esses seriam os argumentos contrários a uma revista não especializada e escrita numa linguagem acessível aos leitores de formações diversas, como é o caso de uma publicação que deve atender àquilo que se espera de uma área de Cultura e Extensão. Trata-se de um modo pelo qual a academia pode colaborar com aprimoramento da sociedade.

Por outro lado, existem os argumentos que explicam e justificam a existência de uma revista de Cultura e Extensão. Temos uma sociedade que, como todas as outras, está sempre se formando e se transformando. A procura pelo conhecimento é evidente e é o conhecimento que propicia a cultura. As fontes de informação são múltiplas e variadas; uma das mais acessíveis atualmente é a internet, com inúmeros locais abertos à população tanto para propagar informações quanto para buscá-las. Face àquilo que todos nós defendemos – a liberdade de expressão – as informações propagadas são as mais variáveis e nem sempre são reconhecidamente válidas. Devemos reconhecer, contudo, que tais informações estão em uma linguagem mais acessível à população em geral. Qualquer um pode escrever qualquer coisa e, mesmo em alguns sites, como, por exemplo, na Wikipédia, existe a possibilidade de qualquer um alterar ou inserir as informações que desejar, modificando o texto original. Dessa maneira, a sociedade não está bem informada por essa via. É fato que podem existir erros em qualquer publicação,

assim como se pode descobrir que algo escrito hoje pode estar errado após algum tempo. Tudo isso implica na necessidade de uma formação crítica dos leitores de qualquer meio de divulgação e, para isso, é necessário não somente a informação, mas também a formação, ou seja, a cultura.

Fica aparente a relevância de fontes de informação mais seguras e acessíveis para a sociedade no seu todo, tal qual uma revista publicada e inserida na rede, com artigos escritos por pessoas que têm conhecimento reconhecido a respeito do tema, em linguagem acessível para todos e avalizados por um corpo editorial pertinente.

Afinal, uma universidade – constituída por profissionais e acadêmicos – tem uma obrigação com a sociedade que a sustenta e, conseqüentemente, tem o dever de se comunicar com essa sociedade de uma maneira inteligível. Dessa maneira, essa mesma sociedade poderá se beneficiar, assim como perceber a Universidade não só como uma instituição de elite, mas como algo que faz parte da sociedade. Uma revista de Cultura e Extensão deve, portanto, ter esse objetivo e, conseqüentemente, ser devidamente valorizada como atividade de ensino *lato sensu* devido a sua ação formadora e informadora.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, M. A. do N. **Carta de São Paulo – Políticas Públicas de Cultura e Extensão Universitária**. 2010. Disponível em: <<http://www.prceu.usp.br/eventos/proext/cartasp.pdf>>. Acesso em: 28 ago 2013.
- ECO, H; CARRIÈRE, J.-C. **Não contem com o fim do livro**. São Paulo: Editora Record, 2010.
- POZZI, Diana Helena de Benedetto. I Seminário sobre Revistas de Cultura e Extensão: breve relato. **Revista de Cultura e Extensão USP**, Brasil, v. 8, p. 11-12, out. 2012. ISSN 2316-9060. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/47731>>. Acesso em: 01 Nov. 2013. doi:10.11606/issn.2316-9060.v8i0p11-12.
- I SEMINÁRIO SOBRE REVISTAS DE CULTURA E EXTENSÃO**. Disponível em: <<http://www.prceu.usp.br/revista/seminario.php>>.
- WIKIPÉDIA.< <http://pt.wikipedia.org>>.

**DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI** professora doutora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: [dianahbp@usp.br](mailto:dianahbp@usp.br)